



Ubi bene, ibi patria *

André Luiz Lacé Lopes **

**Para a Coletânea Literária do I Encontro
Sergipano de Escritores
Realizado no Museu da Gente
Sergipana, Dezembro de 2012**

– Mil perdões por interromper, minha gente, mas não existe cidade como a do Rio de Janeiro.

– Lá vem “Filosofia”, qual a relação com o que estamos conversando, parceiro?

– Deixa eu falar, já que vocês interromperam, peço a palavra, “onde se vive bem, aí é a pátria” ou, se prefere a ilustre mesa, “onde bem me vai, tenho mãe e pai”, materialismo cosmopolita à parte, temos aí muita verdade.

– Bem lembrado, muita verdade, mas não toda ela.

– Mesmo assim eu diria que, num campeonato absoluto de cidades eu coloco duas em primeiríssimo lugar – Paris e... Aracaju. Ubi bene...

– É o rei do anexam, tem um provérbio para cada assunto!

– É verdade, mas parece ignorar o principal: provérbio é a riqueza de um povo e a pobreza do indivíduo.

– Tudo bem, mas a tua querida Lisboa onde é que fica nesse campeonato?

– Lisboa corre por fora, com todo respeito pela cidade templária de Tomar, e admiração por Coimbra, Porto e tantas outras, inclusive a cidade de Lamego do Dr. Freire do Grêmio Recreativo Estação Primeira da Mangueira, devo dizer que Lisboa é “órconcur”. Assim como o Rio. Não é fácil explicar, ao menos que você aceite o entendimento que “Paris é Paris e Aracaju é Aracaju” e fim de papo.

– Como não aceitar tanta clareza, como “Tribobó é Tribobó”, certo?

– Sem gozação, camarada... é o seguinte: Paris tem magia própria, como eu costumo dizer, a “primeira vez que você chega a Paris, você imediatamente a reconhece, se sente em casa, sente-se feliz”. O fato é que desde criança, no mundo todo, recebe-se inconscientemente uma carga parisiense encantadora. Eu ousaria afirmar, com toda franqueza, quase irreverência, que a fabulosa quantidade de museus, teatros, monumentos e parques é mero pretexto para se fazer o que há de melhor em Paris – andar pelas ruas.

– E quanto a Aracaju, são os museus e teatros ou o andar pelas ruas?

– Irreverência própria de quem não conhece a extraordinária cidade de Aracaju, ô fariseu! Para começar, ignora que, assim como Paris (Hausmann), Aracaju (Sebastião Basílio Pirro) também foi planejada. Mas o forte de Araca City, além do próprio povo, é a infinita Praia de Atalaia, com a temperatura da água sempre igual a do seu corpo (seja lá que corpo for), com uma permanente brisa igualmente sob medida fazendo paradisíaca dobradinha com um sol para Van Gogh algum botar defeito. As inúmeras áreas de multiuso sócio desportivo da Orla são de fazer inveja às demais praias do mundo. . Diversão para todo mundo, para toda família, do tataravô ao bisneto se esbaldarem. Tem muito mais, mas aí também depende de cada um, como curtir as espetaculares festas juninas as melhores do planeta (com voto de louvor às quadrilhas – sentido antigo – do subúrbio do Rio). E nem vou mencionar por inteiro as pessoas ilustres de lá como um heroico zelador cultural que já está por merecer condecoração dos governos local, estadual e federal. Nem mesmo mencionarei o jovem de oitenta anos, colecionador de fonógrafos que, aos sábados, vai dançar com a mulher até o raiar do domingo, lá no Estação Verão. Em suma, cada cidade na sua, Paris e Aracaju, ambas extraordinárias, mas, se você quiser um ponto de identidade vá à Internet e assunte artigos e crônicas sobre as semelhanças culturais entre o crepe, na base da farinha de trigo, e o biju de tapioca, ambos vendidos pelas ruas. Com sorte você lerá divertido conto de um sergipano que conseguiu alvará no sexto arrondissement para vender uma espécie de Biju X-Tudo bem em frente à inspiradora Abadia de Saint-Germain-des-Prés.

– É mole, cumpadre, pior do que o “samba do crioulo doido”, do saudoso Stanislaw Ponte Preta, é o “samba do branco psicanalisado” que já está na hora de ser feito!?

– E o resto do mundo, e Nova York, não vai nada?

– Com aquela paranoia de revista na hora do embarque? Cada vez pior, muito embora o país continue o mais forte do planeta, já não é tão forte e absoluto quanto antes; vai daí que chego até a ver algum despeito nos funcionários públicos policiais que trabalham no controle de passageiros nos Aeroportos Internacionais. Não estou negando, por exemplo, o valor de uma Big Apple. Claro que não, como negar um Lincoln Center, especialmente em sua programação de ópera e jazz? Como negar um Macanudo (até o pessoal do Esch Café já andou por lá), bunker de resistência onde ainda se pode “puxar” um charuto sem alguém chamar a polícia. E nem vou falar do “hot dog” de rua, ainda fantásticos, mas com algumas exceções aparecendo. E também não vou fazer merchandising daquela loja de informática aberta dia e noite, ali na Quinta Avenida, entre a 58 e a 59. Por falar em “hot dog”, a bem da justiça, alerto que tanto o crepe parisiense quanto o biju sergipano beberam na fonte do Cachorro Quente X-Tudo inventado no subúrbio do Rio de Janeiro.

– “Ubi bene, ibi patria”, malandro, esse cara é mesmo o rei do anexim, siminino!

– Repare não, chefia, conversa de bar é assim mesmo, termina aí a tua história do General espiritualista.

– Tudo bem, até gostei dessa dobradinha Paris & Aracaju, mas vamos lá...

(Breve silêncio, nova interrupção)

– Em suma, combinação cabocla do Código Da Vinci com Arsène Lupin, você tem certeza de que este circuito não passa também pela Igreja de Saint Sulpice, em Paris?

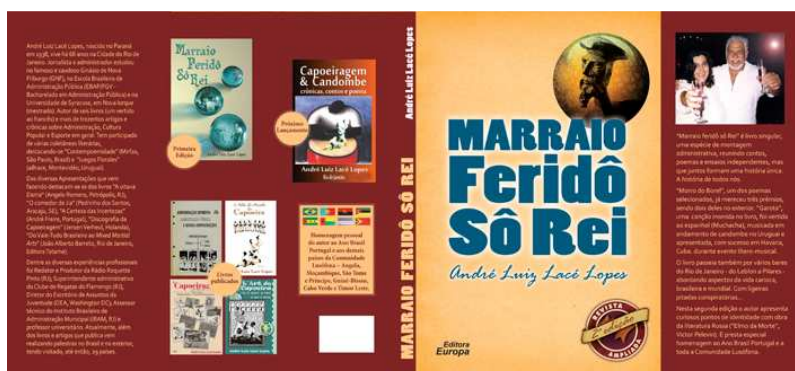
– E pela tal ilha vulcânica no Oceano Índico!?

- Bueno, ainda sobre Aracaju, o sorvete da antiga Sorveteria Cinelândia, se ainda estivesse sendo fabricado daria de 10 a 0 no turístico sorvete Bertillon de Paris.

– Atenção, minha gente, chega de dispersão, vamos ouvir o resto da história, caramba!

...

*** Do Conto “Concurso Literário pelos Bares do RIO”, do Livro “Marraio Feridô Sô Rei”, Ed. Europa, 2ª Edição, RIO – 2013.**



** André Luiz Lacé Lopes nasceu em Curitiba, Paraná, em 1938, foi para o Rio de Janeiro aos três anos, onde vive desde então. Casado, com a Sra. Arly Silva e Lisboa Lacé Lopes, sergipana, advogada e administradora, tem duas filhas Dilcéa Maria e Daniela. Jornalista e Administrador (com mestrado na Universidade de Syracuse, em Nova York - 1971). Estudou no famoso e saudoso Ginásio de Nova Friburgo, da FGV; foi professor universitário e do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM); redator e produtor da Rádio Roquete Pinto (RJ), Superintendente da Nação Rubro-Negra, Diretor do Escritório de Assuntos da Juventude, na Organização dos Estados Americanos (Washington, DC). A estudo ou a trabalho, como consultor ou realizando palestras já visitou vinte e nove países; atualmente é consultor de empresas, palestrante e escritor, tendo publicado até agora seis livros, sendo o mais recente o "Marraio Feridô Sô Rei", cuja segunda edição foi lançada em Paris (Abril 2013) estando também programado um lançamento em Itabaiana, durante a Feira de Livro deste ano. Diversos contos e poemas premiados no Rio de Janeiro e um em Montevideú; dentre as Apresentações de livros que já fez destaca a feita para o Livro “O Comedor de Jia”, do ilustre sergipano Pedrinho dos Santos.

